Maior conteúdo de acesso livre da América Latina registrou média diária de mais de 14 mil visitas em maio

Teses digitais da Unicamp já chegam a 50% do acervo

Foto: Antoninho Perri

Luís Atílio Vicentini, coordenador da Biblioteca Central Cesar Lattes: 20 mil teses publicadas até o final do ano

ISABEL GARDENAL
bel@unicamp.br

A Biblioteca Digital da Unicamp acaba de atingir nova marca: 50% das teses defendidas na Universidade já estão digitalizadas. Conforme dados da Pró-Reitoria de Pós-Graduação da Unicamp, o número de teses defendidas até 2006 foi de 27 mil. Para atingir estes 50%, foram publicadas 13.620 dissertações e teses, acervo completado ao final de maio. Trata-se do maior conteúdo de acesso livre da América Latina. Também em maio, registrou 447.701 visitas e uma média diária de 14.441. Desde 2004, foram 5,4 milhões de visitas.

A Biblioteca Digital da Unicamp integra nacionalmente o projeto da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, de responsabilidade do Instituto Brasileiro de Informação em C&T (IBICT do Ministério de Ciência e Tecnologia). Do total de teses publicadas no Banco Digital do IBICT (44.367), as 13.620 teses da Unicamp representam 31% do conteúdo total, coletado de todas as universidades, entre as 59 instituições participantes.

O coordenador geral de Projetos Especiais do IBICT, Hélio Kuramoto, confirma que a Biblioteca Digital da Unicamp é uma das principais bibliotecas, isso não somente em virtude de ter o maior acervo. "A metodologia empregada deveria ser um modelo replicado em outras instituições. Vem demonstrando que suas ações funcionaram porque tiveram um forte estímulo da direção da Universidade, ao propiciar as condições técnicas necessárias. Tal iniciativa contribui ainda para o movimento de acesso livre e informações científicas", destaca.

> Meta é chegar a 100% de teses digitais no ano que vem

A quantidade de *downloads* realizada até 31 de maio de 2007 foi de 63.860, com um acumulado de 1,6 milhões desde 2002. Com esses números, chega-se à média de 122 *downloads* por tese, feitos por mais de 270 mil usuários cadastrados na Biblioteca Digital de diversos países, além do Brasil. Outra informação relevante é a significativa quantidade de visitas desde agosto de 2005, quando as teses passaram a ser indexadas pelo metabuscador da Internet Google e Google Scholar.

Além dos méritos da biblioteca, a adoção de software livre e arquivos abertos acompanha a tendência da comunidade científica na criação de repositórios de conhecimento acessíveis a qualquer cidadão do mundo, por meio de mecanismos de divulgação dinâmicos, flexíveis e com custos baixos.

A equipe da Biblioteca Digital da Unicamp trabalha agora com o alvo de publicar 20 mil teses até o final do ano. "Se atingirmos este número, chegaremos a 80% das teses defendidas na Universidade, publicadas com acesso livre. E, para 2008, pretendemos completar a coleção da Biblioteca Digital com 100% das teses defendidas, ficando somente para publicação as teses defendidas no ano, que serão inseridas após a sua homologação", revela Luís Atílio Vicentini, coordenador da Biblioteca Central Cesar Lattes (BC-CL). A equipe que dá suporte à digitalização é composta por bolsistas, estagiários, bibliotecários, analistas de sistemas e programadores.

Reprodução

O coordenador geral de Projetos Especiais do IBICT, Hélio Kuramoto: "A metodologia da Unicamp deveria ser replicada em outras instituições"

Novo método atenua efeitos da síndrome da bexiga hiperativa

MANUEL ALVES FILHO
manuel@reitoria.unicamp.br

Uma técnica inovadora para o tratamento da síndrome da bexiga hiperativa, problema que atinge perto de 15% de homens e mulheres com idade acima de 50 anos, está sendo testada por equipe da disciplina de Urologia da Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. O procedimento consiste no implante de eletrodo no corpo do paciente (terceira raiz sacra), cuja função é estimular eletricamente o nervo que controla a bexiga. O dispositivo está conectado a uma fonte de energia, semelhante a um marca-passo, que modula os impulsos e, conseqüentemente, o funcionamento adequado do órgão. De acordo com o urologista Carlos D'Ancona, a neuromodulação, como a tecnologia é conhecida, foi aplicada com sucesso em uma paciente de 47 anos. Outros dois pacientes estão sendo preparados para também utilizar o novo método.

> Eletrodo é implantado no corpo do paciente

A síndrome da bexiga hiperativa é caracterizada pela urgência miccional, que pode ser entendida como a vontade súbita de urinar e difícil de postergar. A prevalência dessa disfunção entre a população é considerada alta. Dados da literatura indicam que cerca de 33 milhões de pessoas nos Estados Unidos e 22 milhões na Europa sofrem do problema. Conforme o urologista Carlos D'Ancona, a síndrome traz conseqüências negativas para a qualidade de vida dos pacientes, que tendem a se isolar socialmente. "Isso é compreensível, visto que algumas pessoas chegam a urinar até 20 vezes ao dia. Ou seja, elas não conseguem ir ao cinema e assistir a um filme com duas horas de duração sem deixar a sala de exibição para ir pelo menos duas vezes ao banheiro", explica.

Foto: Antoninho Perri

O urologista Carlos D'Ancona: procedimento que está sendo testado é menos invasivo que a cirurgia tradicional

Os tratamentos convencionais incluem a administração de medicamentos, fisioterapia, injeção de toxina botulínica e, nos casos mais graves, cirurgia. Ocorre, porém, que esses procedimentos nem sempre são suficientes para corrigir o problema ou trazem conseqüências indesejáveis aos pacientes, inclusive do ponto de vista social. Metade das pessoas, calcula Carlos D'Ancona, abandona a terapia medicamentosa reclamando dos efeitos colaterais proporcionados pelos remédios, tais como boca seca, visão turva e constipação intestinal. "No caso da intervenção cirúrgica, que consiste na ampliação da bexiga por meio da reconstrução do órgão com alça intestinal, é preciso levar em conta não apenas o custo do procedimento, mas também o custo do afastamento do paciente das suas atividades cotidianas, inclusive as de ordem profissional", destaca o urologista.

A alternativa a essas abordagens classificadas de "conservadoras", defende o especialista da Unicamp, é a neuromodulação. O novo método, segundo Carlos D'Ancona, é menos invasivo que a cirurgia tradicional. O eletrodo é implantado no nervo sacral através da pele, com o auxílio de agulhas ou cânulas. O dispositivo está ligado a uma fonte que controla a intensidade e a freqüência dos impulsos elétricos. É por meio desses pequenos choques que o músculo da bexiga volta a se contrair de forma adequada, eliminando assim a urgência miccional. O urologista afirma que a bateria tem duração aproximada de dez anos. "A intensidade e a freqüência dos impulsos elétricos podem ser ajustadas no consultório médico, através de um programador de mão, que transmite as informações ao eletrodo via telemetria", esclarece.

Segundo Carlos D'Ancona, pesquisas realizadas no exterior dão conta de que a neuromodulação tem alcançado um índice de sucesso em torno de 70% em relação aos pacientes que não responderam bem aos tratamentos convencionais. "Aqui na Unicamp, a tecnologia foi usada pela primeira vez, em maio último, em uma paciente de 47 anos. Até aqui, os resultados podem ser considerados excelentes. Em vez de urinar a cada hora, ela passou a urinar de três em três horas. Pelos seus relatos, essa mudança trouxe um ganho extraordinário para a sua vida social", diz o professor da FCM.

Atualmente, prossegue o urologista, dois outros pacientes que apresentam síndrome da bexiga hiperativa estão sendo preparados para se submeterem à neuromodulação. Na opinião de Carlos D'Ancona, esse tratamento deve passar a ser empregado com mais freqüência futuramente, dado que tem se constituído como alternativa altamente eficaz aos métodos conservadores. O único inconveniente da nova tecnologia é o seu custo. Como o equipamento é importado, o preço da terapia gira em torno de R$ 60 mil. "Com o tempo, porém, a tendência é que esse custo caia e o tratamento passe a ser mais acessível aos pacientes", prevê o professor da FCM.